



ERA UMA VEZ...HQ: HISTÓRIA EM QUADRINHOS CONSTRUINDO CONHECIMENTO HISTÓRICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Mateus Sampaio de Sousa; e
André Luiz Sousa da Silva.

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Brasil.

RESUMO

O século XXI consolida um novo entendimento sobre os quadrinhos no Brasil: deixa de ser uma leitura infantil e de entretenimento para se tornar uma leitura dinâmica, além de fonte de saber para diversos públicos e idades. Essa linguagem ganha importância no meio acadêmico, a partir do resgate pelo Ministério da Educação, através da LDB/1996, que sinalizava a necessidade de utilização de outras linguagens, no Ensino Básico, abrindo caminho à utilização das HQs, como recurso didático (VERGUEIRO & RAMOS, 2009). Dentro dessa perspectiva, faz-se necessário refletir sobre a conexão entre os processos formativos a essa forma de linguagem, cheia de signos, significados e caracteres que, pensados de maneira crítica, podem identificar os conhecimentos produzidos através de sua criação e produção. Nesse sentido, pensamos o discente da contemporaneidade envolto de informações de diversos meios de comunicação, um indivíduo histórico social em seu tempo (HETKOWSKI, 2009) que deve ser considerado como autor social e elemento fundamental na construção de seu próprio conhecimento e dos sujeitos submersos em sua ação. A partir do entendimento das histórias em quadrinhos como arte sequencial (EISNER, 2010), as linguagens “no plural” dos quadrinhos, (BARBIERI, 2017), o processo criativo da produção de HQ (McCLOUD, 1995), sua utilização em ambiente escolar (RAMOS, 2016), dentre outras, pretende-se envolver os alunos do Colégio Militar de Salvador/EB numa proposta de construção de conhecimento histórico em sala de aula, através da produção de histórias em quadrinhos para revista digital escolar, construídas por meio de problematizações históricas brasileiras que dialogam com o contexto atual, com objetivos de tentar buscar compreensão do processo de ensino-aprendizagem em História, observando possibilidade de desenvolvimento da postura crítica, autoral e independência do aluno, que produz um HQ, além de identificar a recepção dos leitores da produção na faixa etária lócus desta pesquisa em seu próprio processo de construção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos; Educação; Conhecimento Histórico.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos passaram a ser compreendidas como uma leitura dinâmica, de valor substancial para o ensino, além de fonte de saber para diversos públicos e idades, somente no século XXI.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Até a segunda metade do séc. XX, as histórias em quadrinhos (HQs) eram consideradas leitura antagônica e prejudicial ao aprendizado do aluno, sendo repreendida por professores e pais. Essa discussão nada mais era do que um discurso vazio e acrítico para contornar um desconhecimento sobre o assunto.

Essa forma de linguagem ganha espaço nos EUA em ambiente acadêmico, principalmente com a classificação da HQ em Arte Sequencial, na qual os quadrinhos mesclam os recursos de imagem e escrita (EISNER, 2010). Sua amplitude de usos e recursos ganham notoriedade com as publicações das obras sobre os quadrinhos, utilizando como recurso as próprias HQ (McCLOUD, 1995), consolidando, assim, os quadrinhos como recurso pedagógico que pode ser aplicado também na educação.

No Brasil, a partir das proposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), foi aberto o caminho para a diversificação no uso de linguagens na educação, dentre elas as HQs. O uso dessa linguagem torna-se objeto de exploração de suas potencialidades para além de aulas agradáveis, sendo utilizadas também para transmissão e discussão de temáticas em sala de aula. (VERGUEIRO & RAMOS, 2009, p. 11-13).

Foi a partir de algumas questões que emergiu um período de efervescência no cenário nacional das HQs como parte constituinte dos livros didáticos, disponibilização de obras ao Ensino Fundamental e Médio, além de sua presença no ENEM (RAMOS, 2016), o que potencializou as discussões no âmbito da utilização de diversas linguagens na educação, ganhando força nas últimas décadas.

Estimulado pela legislação vigente, principalmente a LDBEN/96, assim como por debates acadêmicos como as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos¹, em sua quinta edição na USP, em 2018, em que a linguagem das HQs vem sendo debatida amplamente, é possível buscar por melhor entendimento das principais dificuldades do uso das histórias em quadrinhos nas salas de aula pelos professores da Educação Básica e do Ensino Superior.

Em torno dessas discussões, o aprimoramento do professor no uso dos quadrinhos nas escolas tornou-se uma peça fundamental para garantir a utilização de todas as

¹ Sobre a 5ª Jornada Internacionais de Histórias Quadrinhos: <http://www2.eca.usp.br/jornadas/#>

potencialidades da linguagem no ensino, vindo a surgir diversos cursos, gratuitos inclusive, para sanar essa demanda. Pode-se destacar o Curso “Quadrinhos em Sala de Aula”, na modalidade EAD gratuito, ministrado pela Fundação Demócrito Rocha, em 12 módulos com videoaulas de diversos professores conceituados na área, como Sonia Luyten, Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Nobu Chinen, dentre outros.

O presente trabalho busca estimular este processo de discussões, na medida em que, através de uma ação colaborativa, procura alcançar como resultado uma imersão e aprofundamento pedagógico na compreensão de estratégias de ensino de História, pautado no trabalho discente, a partir de elementos oriundos do entendimento da criação de HQ. Por meio dos dados coletados na pesquisa, emergiram argumentos que podem subsidiar uma primeira análise acerca da compreensão atual da aplicação das HQs na sala de aula com base nos conceitos historicamente construídos sobre o tema.

A pesquisa ora apresentada tem como foco uma reflexão sobre a utilização de outras formas de linguagens (PCN/História, 1998 e BNCC/2017), especificamente a linguagem dos quadrinhos. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a pesquisa documental, produção discente e revisão bibliográfica, pautadas principalmente nas obras de VERGUEIRO (2009) e de BARBOSA, RAMOS, et al (2014), procurando identificar perspectivas de uso da linguagem na sala de aula, bem como a reflexão sobre a produção discente de histórias em quadrinhos como proposta metodológica e as variáveis implicadas de seu uso no ensino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dos autores que discutem o entendimento da linguagem de HQs, Cirne (1972), Eisner (2010), Cagnin (2014), destacam os quadrinhos como arte imagética e sequencial, para transmitir uma história, tendo seus elementos constitutivos (imagem, balões e legendas) como parte integrante no requadro² e as correlações entre os quadros, fundamentais a compreensão da narrativa. Segundo McCloud (1995, p. 7-9): “quadrinhos são imagens

² Requadro: Moldura circundante aos elementos do quadrinho que pode ou não se integrar ao quadrinho por seu formato ou sua ausência.

pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”.

Essa forma de linguagem tem elementos únicos como balões e onomatopeias, além da interação com o leitor nas passagens dos quadros, chamada de conclusão ou elipse, na qual o leitor tem que concluir os acontecimentos entre os quadrinhos (nas sarjetas³), como na imagem a seguir, em que o leitor deve imaginar o que ocorreu entre os quadros da comemoração do gol de Pelezinho e o constrangimento de ter um pássaro na mão.



Figura 1 – “As Tiras Clássicas do Pelezinho” reúne no volume 1, as tiras do personagem de 1976 a 1978, de Mauricio de Sousa

Fonte: SOUSA, Mauricio de. **As Tiras Clássicas do Pelezinho**. Barueri: Editora Panini, 2012.

O interesse pela leitura dos quadrinhos, a interligação entre texto e imagem, as diversas informações de diversas áreas do conhecimento, contidas nos quadrinhos, a familiaridade dos jovens com essa linguagem, a acessibilidade a outras formas de comunicação, o estímulo ao hábito de leitura, o enriquecimento vocabular, dado ao fácil entendimento a sua leitura, o caráter elíptico dos quadrinhos que obrigam os alunos a pensar, além da possibilidade de uso em qualquer faixa etária são apenas alguns usos dessa linguagem no ensino (VERGUEIRO, 2009, p. 35-40).

É cada vez mais comum deparar-se com as histórias em quadrinhos nas salas de aula, devido à diversidade de formas de utilização desse meio de comunicação.

³ Sarjeta: termo criado por McCloud, para definir o espaço entre os quadrinhos, também chamado de calha ou elipse.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Não existem regras. No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraponto ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (VEGUEIRO, 2009, p. 42).

Há, contudo, uma certa resistência na utilização dessa linguagem por alguns professores, independente se serem ou não alfabetizados com essa linguagem. O condicionamento preconceituoso com relação aos quadrinhos tem grande relevância, considerando a vivência cultural numa época em que os quadrinhos eram renegados a uma “literatura inferior” que retirava o aluno da “boa leitura”, além de prejudicar o seu desenvolvimento moral e cognitivo. Muitos acreditam nessa premissa até os dias atuais, mesmo após várias pesquisas demonstrarem o esvaziamento de embasamento que ocultavam o desconhecimento da linguagem (VERGUEIRO & RAMOS, 2009, p. 11-13).

Entretanto, na década dos anos 1990, o posicionamento dos órgãos governamentais de educação no Brasil traz uma nova perspectiva sobre a linguagem dos quadrinhos, com a promulgação, em 20 dez 1996, da LDBEN/96, que foi norteadora dos caminhos a percorrer pela educação no Brasil, apresentando proposta de adequação da prática educativa aos princípios constitucionais de 1988.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009), a LDB já apontava a necessidade de inserir outras linguagens no Ensino Fundamental, nos objetos de sua base. Apesar de logicamente abrir espaço para outros meios de comunicação na escola, incluindo as histórias em quadrinhos, os autores nos alertam que a efetivação oficial dessas práticas nas salas de aula somente ocorre com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no ano seguinte.

Dentro desse escopo, os PCNs apontam em seus objetivos de ensino:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (PCNs, 1998).

Segundo os PCNs, os objetivos do ensino fundamental são as metas educacionais de toda a estrutura curricular e dentre seus propósitos indica a necessidade de utilização de diversas linguagens, incluindo as histórias em quadrinhos.

Vergueiro e Ramos (2009) ainda salienta a menção direta do ensino dos quadrinhos nos PCNs do Ensino Fundamental (1998) em Artes; e a leitura de histórias em quadrinhos do 5º ao 8º ano⁴ na disciplina de Língua Portuguesa, em que são trabalhadas as charges e tiras, devido à potencialidade da linguagem na formação da competência leitora pelo educando, uma vez que permitem uma leitura híbrida entre imagem e texto.

A BNCC/2017 fundamenta-se em dez competências gerais, em que são consideradas a expressão dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a serem desenvolvidos pelos estudantes, dentre as quais demonstram a importância das diversas linguagens para o contexto do discente:

4. Utilizar diferentes linguagens –verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, em diferentes contextos, e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo; (BRASIL, 2017).

Dentro desse escopo, na Área de Linguagem, pretende-se para o Ensino Fundamental a prática de linguagens diversificadas para desenvolvimento de capacidade expressiva em diversos tipos de manifestações, sejam artísticas, linguísticas ou corporais. Portanto, nessa área de atuação que apresenta diretamente os quadrinhos como objeto curricular, inserido no campo artístico- literário, como um dos gêneros desse campo:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO – Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BRASIL, 2017).

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

A partir da definição do campo, a BNCC define as habilidades a serem adquiridas nas disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e também Língua Estrangeira, na qual levantaremos as habilidades referentes ao uso da linguagem de quadrinhos.

(EF12LP05). Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re) contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

(EF15LP14)⁵ Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF67LP30). Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, (...), empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

(EF15AR04). Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF69AR05). Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF06LI15). Produzir textos escritos em língua inglesa (histórias em quadrinhos, cartazes, chats, blogues, agendas, fotolegendas, entre outros), sobre si mesmo, sua família, seus amigos, gostos, preferências e rotinas, sua comunidade e seu contexto escolar. (BRASIL,2017).

Desde o início do segundo milênio, com o respaldo dos órgãos educacionais, efervesceram diversas pesquisas com propostas metodológicas para o uso dessas diversas linguagens, dentro das várias disciplinas. Tanto que em 2004, essa diversidade de pesquisas com propostas metodológicas reuniu nas dez obras da coleção *“Como Usar...”*

⁵ Sobre como interpretar o código alfanumérico das habilidades, ver: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Na Sala de Aula outras linguagens a serem utilizadas em sala e sugestão de seu uso, inclusive o uso de HQs. Sobre essa temática, Vergueiro (2014) aponta que “a alfabetização da linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens nele existente e também, para que o professor tenha melhores resultados em sua utilização”.

Então, dentro dessa visão, antes de aplicar as HQs nas aulas de História, como proposto nesse trabalho, desenvolvemos aulas eletivas para apresentação, manuseio e enten-



Figura 2 – Primeira aula eletiva – Conheça as Histórias em Quadrinhos.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

mento de uma HQ e seu processo de produção. A partir dessa “alfabetização”, os alunos começam a trabalhar em suas criações, a partir da proposta do docente, em que propõe a criação das personagens principais para uma produção de revista em quadrinhos para construção de conhecimentos percebidos em suas aventuras. Segundo Vilela (2014), no ensino de História, “as histórias em quadrinhos ainda são utilizadas apenas como suporte de conteúdo. Mas podem ser muito mais que isso.” Ele aponta diversos possíveis usos das HQs no ensino que podem identificar a época que se tentou retratar, mas principalmente as discussões da época em que fora produzida, mostrando possibilidades de verossimilhança, inverossimilhança e anacronismo⁶, dimensão de temporalidades, memória, além de reflexões sobre a construção histórica de um momento, até sua construção desenvolvendo

⁶ Anacronismo: Erro cronológico ou algo a que se atribui uma época em que ela não tinha razão de ser.

outras habilidades como criatividade, trabalho em equipe, numa produção em grupo e autoralidade.

Segundo Freire (2018), “ninguém é responsável por sua autonomia, além de você mesmo”. Ele explica que autonomia vem do sujeito, portanto o desenvolvimento da independência intelectual discente, vem dele mesmo. A partir dessa preposição, utilizamos a produção discente de histórias em quadrinhos para tentar dar a oportunidade ao aluno de produzir seu próprio conhecimento histórico, a partir da preparação para a produção de quadrinhos, dando-lhe voz para demonstrar sua compreensão desse fenômeno por via de sua história.



Figura 3 – Aula eletiva – Reunião para Produção de Roteiro.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 205), os estudos exploratórios são investigações de pesquisa empírica, com finalidade de: desenvolver hipóteses; familiarização com o ambiente, fato ou fenômeno abordado para realização de pesquisa futura mais precisa e modificar e clarificar conceitos relativos ao tema abordado no objeto de estudo.

A amostra utilizada no presente trabalho é formada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/96, os Parâmetros Nacionais Curriculares, Base Nacional Curricular Comum do ensino fundamental em sua versão final de 2017, além de trabalhos iniciais propostos em aula eletiva.

As variáveis utilizadas no estudo foram estruturadas a partir das questões levantadas na imersão nas legislações específicas do ensino, relativas ao currículo escolar, como os PCNs e a BNCC e reflexão sobre propostas metodológicas de utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula.

Para viabilização metodológica da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa baseada na análise dos dados coletados, por estudo com procedimentos específicos de coleta de dados para desenvolvimento de ideias. (LAKATOS e MARCONI, 2017).

Os estudos com procedimentos específicos de coleta de dados para desenvolvimento de ideias é uma técnica que utiliza exclusivamente um determinado procedimento para identificar generalizações sobre o objeto pesquisado com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser utilizadas em estudo subsequente mais aprofundado. (LAKATOS e MARCONI, 2017).

A análise resulta em uma identificação de ideias ou conceitos que permeiam todo o ambiente estudado, vindo a apontar questões que podem ser melhor analisadas. Para muitas aplicações, assim como para o presente trabalho, o estudo com procedimentos específicos constitui-se como técnica exploratória, que pode ser utilizada como instrumento categorizador do objeto de pesquisa, ou seja, utilizá-la para a identificação de categorias de pesquisa por parte de uma amostra do estudo, de forma a tornar o processo mais claro para melhor aprofundamento posterior (LAKATOS e MARCONI, 2017).

RESULTADOS E ANÁLISES

A aplicação da análise do estudo com procedimentos específicos sobre as legislações de ensino dos órgãos educacionais e atividades iniciais com o discente possibilitaram

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

obter as seguintes informações, a partir de dados documentais, revisão bibliográfica e observação participante.

O estudo específico das legislações de ensino atinentes ao uso de “formas contemporâneas de linguagens⁷” no ensino, especificamente ao uso de quadrinhos, identificou duas relações importantes: o primeiro foi o reconhecimento da necessidade do uso de outras linguagens na educação, abrindo espaço para os quadrinhos em sala de aula, com a aprovação da LDBEN/96 e a indicação direta do uso dessa linguagem na escola, pelos PCNs de Língua Portuguesa e Artes e um segundo momento bem recente que nos aponta a manutenção da visão institucional sobre os quadrinhos na Base Nacional Curricular Comum de 2017.

A imersão ao banco da Capes, apontou 868 teses e dissertações com tema: Quadrinhos. Identificamos 41 teses e dissertações com reflexões sobre seu uso em sala de aula, sendo quinze na área de Educação e Ensino e 26 dentre as licenciaturas, com destaque às ciências exatas, que juntamente com as Letras, somam dez pesquisas de proposta pedagógica em sala de aula, cada área. Nas ciências humanas, apesar de haver muitos trabalhos com a linguagem de HQ, somam somente seis dentre suas pesquisas com produção discente. Ainda sobre o banco da Capes, identificamos um aumento significativo das pesquisas com histórias em quadrinhos, a partir do ano 2000, mostrando que a necessidade de pesquisas sobre essas “outras” linguagens na educação era necessária e cada vez mais pesquisadores se interessam em seus campos a serem desvelados, como mostra o banco ano a ano. Em 2000, tiveram onze pesquisas na temática e em 2010, esse número passa a cinquenta. Isto considerando somente a área de Educação e Licenciaturas.

A análise aponta que os quadrinhos deixaram realmente de ser considerada uma “subleitura” de entretenimento para se tornarem necessários para o desenvolvimento cognitivo do discente, desde 1998, como discorre os PCNs do ensino fundamental, vindo a ser objetivo de ensino a ser trabalhado de forma direta em todo o ensino fundamental na

⁷ A revogação do § 1º do art. 36º da LBD, que se referia a esse termo, pela Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que alterou o currículo não interferiu na proposta educacional do MEC, com relação as formas contemporâneas de linguagem, por ser reeditada no § 8º do art. 3º dessa lei, com uma proposta semelhante.

disciplina de Artes, do 1º ao 7º ano na Língua Portuguesa e no 6º ano para Língua Estrangeira. Classificado como um dos vários gêneros artístico-literários que compõem a área de linguagens, códigos e suas tecnologias da BNCC/2017.

Vale lembrar que tanto os PCNs quanto as habilidades da base curricular de outras áreas, também, ressalta o uso de várias formas de comunicação em seus objetivos, especificamente no ensino de História, podemos destacar que os recursos dos quadrinhos, como charges e tiras de época, são fontes históricas riquíssimas para corroborar com o ensino para retratar a época e ambiente de produção e fatos históricos.

No aspecto da capacitação docente para o uso dos quadrinhos, a análise documental mostra uma preocupação cada vez maior com o uso das potencialidades dos quadrinhos e de outras linguagens como prática didática em sala de aula, com diversas publicações que auxiliam o professor a trabalhar com os quadrinhos de forma abrangente.

Dado a importância da temática, em 2018, o Curso de Extensão Quadrinhos em Sala de Aula teve 65.812 inscritos, dentre docentes, discentes e interessados no assunto, com 12.214 postagens nos 70 fóruns de discussão abertos durante o curso, dentro de seus doze módulos⁸, demonstrando o grande interesse que o tema: quadrinhos abrange e a gama de possibilidades que os quadrinhos podem oferecer às práticas educacionais, somente nesse curso apresenta doze possibilidades de uso correlacionadas.

A análise das legislações que integram o ensino aponta que a visão institucional sobre os quadrinhos, se mantém nos dias atuais a mesma destacada nos últimos dez anos e que ainda demanda de maiores compreensões sobre o uso equivocado dos quadrinhos na escola que podem ser resolvidos facilmente com um melhor entendimento da linguagem.

A análise da aplicação dos quadrinhos em sala de aula, através da observação participante, dos trabalhos da disciplina eletiva Oficina de HQ do Colégio Militar de Salvador mostrou-se um grande diferencial para o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, na qual os alunos apresentaram-se dispostos ao trabalho com os colegas; organização, em que os discentes colocaram-se extremamente articulados na distribuição das tarefas a cumprir, autoralidade pela produção criada, a partir de roteirização

⁸ Dados da Fundação Demócrito Rocha, atualizados na data de acesso, retirados na página do curso. Disponível no site: <<http://ava.fdr.org.br/course/view.php?id=56>> acesso em 30 jun. 2018

criativa do próprio discente, além de estimular uma certa autonomia discente, dada a responsabilidade que o aluno adquiriu com a proposta.

Pode-se perceber também que, a “alfabetização necessária” na linguagem de HQs (VERGUEIRO, 2009) dos envolvidos no processo mostrou-se fundamental para o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula de forma satisfatória, evidenciando a necessidade de etapas no ensino: conhecimento detalhado dos elementos das HQs; processo de criação de personagens; montagem da história propriamente dita e o feedback dos trabalhos apresentados com certificação. Este último mostrou-se muito importante para os discentes, por verem o reconhecimento de seu trabalho.

Destaca-se também que apesar de uma proposta livre, os alunos apresentaram narrações possíveis de serem aplicadas na disciplina de História, respeitando de forma autônoma, a proposta do professor para usá-la posteriormente, demonstrando a preocupação com a possibilidade de continuidade do projeto de produção de HQs na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após confrontarmos o referencial teórico com os dados coletados na pesquisa documental, podemos concluir que a compreensão da linguagem dos quadrinhos tem um papel fundamental para o uso didático das histórias em quadrinhos nas salas de aula.

Contudo, para que o seu uso seja adequado à proposta didático-pedagógica da escola, é preciso que o docente esteja preparado para tal intento. Tanto a formação inicial como a formação continuada, abrangendo as especificidades da utilização de quadrinhos na sala de aula, possibilitam as condições necessárias para o bom trabalho do professor.

Além do mais, os alunos também necessitam de compreensão da linguagem dos quadrinhos para que os professores possam fazer uso de forma correta da linguagem, pautados na relação de visual e verbal que os quadrinhos trazem em sua composição.

Ainda, identificou-se através da observação, a necessidade de atenção redobrada pelo discente na condução de uma proposta de produção de histórias em quadrinhos, para que dinamize o processo e não desvie o foco dos objetivos da aula.



Vale ressaltar que o uso dos quadrinhos não é a solução para o ensino se tratado de forma isolada. Essa linguagem apresenta somente a sua forma de expressão, dentre as várias existentes para compreender a multiplicidade do mundo em que vivemos.

A análise documental através da metodologia de estudos com procedimentos específicos permitiu determinar dois aportes para valorização das histórias em quadrinhos como objeto de utilização didática em ambiente escolar. Um primeiro momento em que o MEC reconhece a necessidade de abordar “formas contemporâneas de linguagem”, abrindo espaço ao uso dessa linguagem no ensino com a LDB e os PCN’s, respaldado vinte anos depois, com a aprovação da BNCC em 2017 que a visão institucional se aparenta bem próxima da proposta dos PCNs, o que reforça o entendimento da importância do uso dos quadrinhos no ensino, mostrando-se ambiente profícuo para novas reflexões sobre seu uso metodológico em sala de aula.

Dessa forma, concluímos que a diversificação de linguagem já é entendida como fundamental na educação brasileira e o seu uso está cada vez mais constante. Entretanto, o aprofundamento na compreensão da linguagem a ser utilizada na sala de aula é basilar para que seu uso tenha o êxito esperado de acordo com as propostas de ensino e suas potencialidades sejam aproveitadas efetivamente.

Os resultados obtidos no estudo estão restritos à amostra e período analisado, indicando, entretanto, a possibilidade metodológica de aplicação desse estudo com objetos mais abrangentes, que podem contribuir para a ampliação da compreensão do entendimento da utilização da linguagem dos quadrinhos de forma mais abrangente e potencializada em seus diversos aspectos comunicativos.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, D. **As linguagens dos quadrinhos**. Tradução de Thiago de Almeida Castor do Amaral. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- BARBOSA, A. F.; RAMOS, P.; VILELA, T.; RAMA, Ângela; E VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 26 set. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC versão final**. Brasília, DF, 2017.

_____. **Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs)**. História. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33038>>. Acesso em: 26 set. 2018.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial – linguagem e semiótica. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução de Luís Carlos Borges e Alexandre Boide. 4ªed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. 56ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2018.

HETKOWSKI, T. M. **Políticas públicas: tecnologias da informação e comunicação e novas práticas pedagógicas**, Ano de obtenção: 2004.

LAKATOS, E. M.; e MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEMOS, A. Cibercultura. Alguns Pontos para Compreender a Nossa Época. In: LEMOS, André; e CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

LIMA JÚNIOR, A. S. **Tecnologias inteligentes e educação**: currículo hipertextual. Rio de Janeiro: Quartet: Juazeiro/BA: FUNDESF, 2005.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**: a arte invisível. Tradução de Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

NASCIMENTO, A. D.; e HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. 400 p.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SANTOS, R. E.; e VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado**: da teoria à prática. *EccoS*, São Paulo, n. 27, p. 81-95. Jan./abr. 2012.

VERGUEIRO, W.; e RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (Orgs). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-59.